**O TEMPO NA E DA FORMAÇÃO DOCENTE: O CONTRAPONTO ENTRE A LÓGICA NEOLIBERAL E UMA LÓGICA RITMADA PELA NATUREZA.**

Fernanda de Araujo Dias - doutoranda em Educação PPGEdu-UERJ

Tânia da Costa Gouvêa - mestre em Educação PPGEdu-UERJ

Resumo: O presente artigo pretende problematizar a noção de tempo nos e dos processos de formação docente, trazendo para se contrapor aos discursos legitimados pelos documentos oficiais de base, especificamente o da BNC-formação continuada, outra cosmogonia originária do povo Guarani Mbyá. Como metodologia, o artigo opera com narrativas, tendo por opção político-epistemológica os campos *nosdoscom* os cotidianos. Por resultados, entendemos ser necessário estabelecer um processo de formação alternativo sob o prisma de um tempo cíclico, sempre no *encontro* (Garcia, 2015) com o outro e em coletividade, de modo a favorecer afectos alegres (Spinoza, 2009) e por meio deles semear a nossa potência de agir.

Palavras-chave: BNC-formação continuada. Cosmogonia. Tempo. Docência.

**INTRODUÇÃO**

Vivemos em uma sociedade moderna, urbana e industrial. Nesse contexto capitalista, o tempo torna-se produto remuneratório posto em circulação. Entretanto, compreendemos que o tempo está para além desse valor de mercado.

A discussão sobre o tempo não é nova, é de longa data. Mas a questão que trazemos para pensar e discutir diz respeito às noções que transitam nas políticas educacionais e que reverberam nos cotidianos escolares: um tempo cooptado pelo modelo econômico neoliberal.

Este tempo se orienta pela lógica empresarial, que ao se difundir pelas escolas, procura definir procedimentos, atitudes e valores baseados nas premissas de custo-benefício, eficiência e eficácia. Neste cenário, vemos empresas privadas e organismos internacionais investindo pesado na educação (Hypolito, 2021).

Os lobbys sobre a gestão pública têm sido cada vez mais intensos e com a promessa de que os desafios e problemas da suposta má qualidade da educação serão solucionados. Contudo, estas não garantem a efetivação do aprendizado, devido, principalmente, a não considerarem as particularidades e os dados contextuais das redes educacionais.

Em consonância com o neoliberalismo, há uma movimentação política que busca impor o gerencialismo à formação docente. Nesta perspectiva, entende-se que o tempo na e para a formação deve ser pensado pelas medidas do mercado, culminando no desenvolvimento de habilidades e competências que visam trazer melhorias para a educação.

Contrapondo-nos a esta visão, propomos pensar o tempo na e da formação docente a partir de outra cosmogonia, apresentada por meio da experiência vivenciada por uma de nós, atuante como professora em uma escola indígena Guarani Mbyá. Com isto, pomos em interlocução outras possibilidades de pensar o tempo para além dos discursos neoliberais que enredam as políticas educacionais vigentes no país.

 Apoiadas na abordagem das pesquisas cotidianistas e afirmando-as como opção político-epistemológica, faremos uso da narrativa como metodologia. As interlocuções sobre o tempo na e da formação docente serão tecidas quando da nossa imersão ao contexto da prática.

**O TEMPO NAS POLÍTICAS DE FORMAÇÃO DOCENTE E O TEMPO DA FORMAÇÃO DOCENTE NO COTIDIANO ESCOLAR**

Os documentos de base para a formação docente brasileiros estão situados em uma conjuntura global mercantilista conhecida por GERM - Movimento de Reforma Educacional Global (Hypólito, 2021).

Segundo Hypólito, o neoliberalismo se impõe por meio de um discurso racional de reforma educacional. Tal concepção, de natureza dogmática, demanda a implantação conjuntural de determinados instrumentos políticos e tecnológicos a fim de assegurar certo caráter pragmático a reforma, baseando-se em evidências e tendo por pressuposto uma suposta qualidade na educação, com implicações epistemológicas, culturais, sociais e políticas no papel do Estado e do conhecimento.

Problematizamos esse tempo cooptado pelo neoliberalismo no modo de existir docente a partir da narrativa:

Nós, professoras, sabemos bem o quanto o tempo é precioso. Se formar leva tempo, contribuir com a (form)ação de outras pessoas também. O que será que de nós toca na aprendizagem do outro?... Precisamos dele para tecer relações, afetos e conhecimentos… Mas, o tempo dedicado à nossa formação vem sendo abreviado, assoberbado... Não há espaço para desejo, afetos, encontro... (Professora Fernanda).

Por meio desse fragmento, onde se torna expressiva a incoerência temporal entre necessidade e o que se é exigido, fica evidente a urgência de se pensar o tempo na e da formação docente sob outra lógica.

A interlocução que fazemos por meio dos documentos legais de formação docente, possibilita-nos identificar tensões em nossos cotidianos escolares. Entre a imposição de um discurso figurado no texto da lei e o inesperado como temporalidade, está à docência.

Como estamos imersas no contexto da prática, optamos por refletir a *dimensão da prática profissional pedagógica*, destacando 4 habilidades que fazem menção ao tempo a partir de um trecho da BNC-formação continuada.

Tabela 1: Competência e habilidades que reportam à noção do tempo

|  |
| --- |
| Competência: |
| 2a.2 Planejar o ensino, elaborando estratégias, objetivos e avaliações, de forma a garantir a aprendizagem efetiva dos alunos; |
| Habilidades selecionadas: |
| 2a.2.2 Organizar e administrar o tempo da aula a favor do processo de aprendizagem de toda a turma; | 2a.2.5 Formular perguntas instigantes e conceder tempo necessário para resolvê-las; |
| 2a.2.9 Dar devolutiva em tempo hábil e apropriada, tornando visível para o estudante seu processo de aprendizagem e desenvolvimento;  | 2a.2.10 Observar, ativa e passivamente, atividades pedagógicas com base em protocolos pré-estabelecidos e monitorar a aprendizagem e o desenvolvimento de alunos e de seus pares.  |

Fonte: Adaptado da BNC- Formação Continuada.

A ideia de tempo expressa no quadro é simétrica às premissas de organização, controle e monitoramento difundidos pelo neoliberalismo. Chamamos atenção para os usos e sentidos das palavras e expressões presentes nas habilidades e competência tais como *tempo hábil*, protocolos*, monitorar e aprendizagem efetiva* que estão relacionando tempo com precisão, ordenamentos, fragmentação e estruturas.

Conforme as teorias tradicionais de currículo, ensinar seria questão de método. Por isso, ideias como monitoramento, controle e organização ainda reverberam nos tempos atuais. Isto também reforça as relações de poder dicotômicas nas escolas, onde supostamente quem pensa não é o mesmo sujeito que executa.

Para Alves (2010), como os termos política e prática são inseparáveis, não há justificativa para que os docentes não sejam autores de suas práticas e saberes; o que requer pensar com eles e não por eles.

Sob a perspectiva Guarani Mbyá, pretendemos pensar e discutir a ideia de tempo experienciado na natureza como fluxo possível na dinâmica formativa da docência, em oposição aos ordenamentos intrínsecos aos documentos sobre formação e atuação docentes vigentes em nosso país e para melhor exemplificar, partilharemos a experiência de uma nós como professora em uma escola indígena.

**O CONTEXTO DA PRÁTICA - O TEMPO NA COSMOVISÃO GUARANI MBYÁ**

Na conjuntura, já exposta nesse artigo, as consequências vivenciadas nos *espaçotempos* escolares têm mostrado processos de adoecimento docente, como lemos a seguir:

Cheguei acelerada e ansiosa à escola indígena Guarani Mbyá, minha sensação ao visitar a escola da aldeia foi de estar em outra dimensão. O tempo lá parecia não ter pressa. Ao ir à casa da cacica para ser apresentada, vi uma menina brincando concentrada no chão. Parecia entregue ao momento. Ali, eu desejei ser a menina. Convivendo com as crianças e a comunidade Guarani Mbyá, entendi... o tempo lá é diferente. (Professora Fernanda)

A narrativa da professora indica que é possível pensar o enfrentamento dos afectos tristes (Spinoza, 2009) e que minam a nossa potência de agir por meio do contato com outros saberes. Para tal, dialogaremos com a concepção de tempo existente na cosmogonia Guarani Mbyá.

O calendário Mbyá, se organiza em dois grandes momentos: o Ara Ymã, ou tempo velho que equivale ao passado e o Ara Pyau ou tempo novo, que equivale ao presente. Esses dois momentos são demarcados a partir do ciclo de vida das plantas.

Durante o *Ara Pyau florescem as árvores e ocorre a colheita dos alimentos, já no Ara Ymã, as divindades se resguardam para as sementes germinarem e assim se prepararem para o tempo novo* (Poty et al, 2022, p.24).

É interessante pontuar que na língua Guarani Mbyá não existe uma palavra ou expressão que faça referências ao que nós chamamos de futuro, já que o futuro não é material. Os Guarani Mbyá entendem que o tempo que não chegou, não existe e por isso não tem um nome. Há uma sabedoria que permeia a noção do tempo guarani e ela está ritmada pelo tempo da terra.

O que podemos aprender sobre o tempo ao olharmos para a terra? Aprendemos que, dentre tantas significações possíveis, para que haja saúde, equilíbrio e diversidade, é importante que se respeitem os processos de plantio e de colheita; O que esta concepção de tempo pode nos apontar em relação aos processos de formação docente? Que é preciso que se respeitem as artesanias de afetos, conhecimentos e experiências que subsidiam o se tornar docente.

Diante disto, evocamos a noção de *encontro* (Garcia, 2015), entendido como um *espaçotempo* que *favorece o fortalecimento político dos professores e das escolas em uma produção mais solidárias dos saberes* (p. 3-4), para afirmar que os deslocamentos provocados pelo *encontro* da professora com a cosmogonia Guarani Mbyá nos possibilita repensar o tempo para e na formação docente.

Esta possibilidade pode se consolidar por meio da contraposição da noção de tempo engendrado nas políticas de formação docente frente à concepção de tempo alinhado à natureza presente na cosmogonia Guarani Mbyá, para que nossa formação seja um *espaçotempo* Arandu – espaço semeado com sabedoria em que ouvir e sentir o tempo são premissas irrefutáveis em nossa constituição profissional.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As contribuições Guarani Mbyá para pensar a ideia de tempo no processo formativo docente figuram como outro conhecimento, onde a formação docente é entendida como um processo cotidiano, autoral em coletivo, que estabelece fluxos imaginativos, criativos, políticos, afetivos, culturais e sociais. O tempo neste caso é fluxo de vida.

Pensar o tempo a partir desta cosmogonia, nos coloca diante de uma alternativa para se conceber os processos formativos docentes no contracurso do que vem sendo vislumbrado pelas políticas de base.

**REFERÊNCIAS**

ALVES, Nilda. Redes educativas ‘dentrofora’ das escolas, exemplificadas pela formação de professores. In: **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente:** Currículo, Ensino de Educação Física, Ensino de Geografia, Ensino de História, Escola, Família e Comunidade. (Orgs.) Lucíola Santos; Ângela Dalben; Júlio Diniz, Leiva Leal. (Orgs.) 66ed. [Livro Eletrônico]. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BRASIL. Resolução CNE/CP nº 1, de 27 de outubro de 2020. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Continuada de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC - Formação Continuada). Brasília: Ministério da Educação; Conselho Nacional da Educação, 2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=164841-rcp001-20&category_slug=outubro-2020-pdf&Itemid=30192> Acesso em: 19 maio 2024

GARCIA, Alexandra. **O encontro nos processos formativos: questões para pensar a pesquisa e a formação docente com as escolas.** In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 37., Florianópolis, 2015. Anais [...]. Florianópolis: UFSC, 04 a 08 de outubro de 2015. Disponível em: <https://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt13-4497.pdf> Acesso em: 19 maio 2024

HYPOLITO, Álvaro Moreira. Padronização curricular, padronização da formação docente: desafios da formação pós-BNCC. **Práxis Educacional.** Vitória da Conquista, ISSN: 2178-2679. v. 17, n. 46, p. 35-52, jul. 2021. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-26792021000300035&lng=pt&nrm=iso>>. Acesso em: 19 maio 2024.

POTY, Ariel et al. **Teko Hypy - a origem do mundo: uma narrativa Mbyá Guarani.** 1ª ed. Goiânia. Negalilu, 2022.

SPINOZA, Benedictus de**. Ética**. Tradução Tomaz Tadeu. Belo horizonte: Autêntica, 2009.